

Para Aline e Murilo, o colecionismo começou como uma brincadeira

Reprodução/Instagram (@fashionclinic.home)

Pratos colecionáveis compõem uma decoração cheia de charme

Arquivo pessoal

Passatempo vira arte

A advogada Natália Ferretti, 26, também encontrou na decoração uma maneira de eternizar suas paixões. Durante a pandemia, ela redescobriu o prazer dos quebra-cabeças e decidiu transformar cada montagem em arte de parede. “No início, eu colava as peças só para guardar, até perceber que era um desperdício deixá-los escondidos. Então comecei a pendurar. Hoje, todos estão no escritório, formando uma parede colorida e cheia de vida”, conta.

As obras, inspiradas em artistas, como Van Gogh, chamam atenção nas redes sociais, onde Natália compartilha suas criações. “Sou adepta do maximalismo. Gosto de paredes cheias de quadros, e transformar meus quebra-cabeças em decoração foi uma forma de unir o útil ao afeto.” Para ela, o valor vai muito além do visual: “Esses quadros representam fases da minha vida e as pessoas com quem divido esse hobby. É um jeito de ter minhas histórias sempre por perto”.

Galeria de afetos

Ao integrar lembranças à decoração, a casa deixa de ser apenas cenário e se transforma em autobiografia.



Martha Lemos resume bem essa ideia: “As coleções são mais do que objetos. São histórias condensadas, fragmentos de uma ancestralidade que se manifesta no cotidiano. Elas revelam o que realmente importa para cada um de nós.”

A arquiteta lembra que não existe um estilo único

para isso na decoração nem na coleção. “Colecionar é sobre você. É sobre misturar o moderno e o vintage, o rústico e o minimalista, e, ainda assim, fazer sentido, justamente porque é pessoal. É o reflexo da pluralidade de quem habita aquele espaço.”

Quanto a onde posicionar os itens, a arquiteta diz que escritórios e corredores são uma boa opção para começar. “O corredor, que costuma ser esquecido, pode se tornar uma galeria afetiva com fotos, pequenas obras ou até mesmo quebra-cabeças. Já no quarto, especialmente o de casal, os porta-retratos já cumprem um papel simbólico, itens colecionáveis adicionam um toque ainda mais especial, ajudam a relembrar bons momentos e fortalecer laços”, explica.

Ao pensar em luz e posição, a arquiteta aconselha a sempre procurar um profissional, mas testar ângulos e posições, até achar o que mais se encaixa, também é uma boa pedida para quem quer começar. E na dúvida entre exibir a coleção toda ou não, equilíbrio é essencial. “Assim como em um museu, é importante dar espaço para o olhar respirar, permitindo que cada item conte sua história”, detalha Martha.

***Estagiária sob supervisão de Sibele Negromonte**

Arquivo pessoal



Natália encontrou na decoração uma maneira de eternizar suas paixões